



A importância da identificação segura no paciente em terapia intensiva

Keliane Silva de Oliveira¹
Deuzilene Santos Trindade²
Faculdade Laboro, MA

RESUMO

A preocupação com a segurança do paciente permeia o debate público desde o final do século passado. A identificação segura do paciente compõe tanto metas internacionais quanto protocolos nacionais, e sua importância é corroborada ainda mais na terapia intensiva, onde há maior complexidade na assistência prestada.

PALAVRAS-CHAVE: Protocolo de Segurança; Segurança do Paciente; Terapia Intensiva.

As preocupações com a segurança do paciente, no que diz respeito às práticas assistenciais de saúde, surgiram no final do século passado. Em meados de 1990, segundo Tase et al. (2013), este pensamento foi fomentado a partir da publicação do livro *Errar é Humano*, o qual relatava sistematicamente estatísticas alarmantes sobre erros e eventos adversos em saúde. Nesse ínterim, desde então, diversas entidades e organizações de saúde se comprometeram em aprimorar a questão da segurança do paciente (FASSARELLA; BUENO; SOUZA, 2013).

A unidade de terapia intensiva (UTI) é uma área restrita do hospital, voltada ao atendimento de pacientes que requerem maiores cuidados e monitoramento diuturno. A UTI oferece suporte avançado à vida, sendo dotada de tecnologia, equipe multiprofissional qualificada, e dispendo de condições para assistência imediata frente a complicações e incidentes. Tal área do hospital, assim como as outras, requer um nível de segurança da assistência elevado, de modo a assegurar sua finalidade (HOFFMEISTER, 2012).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que milhares de pacientes sofram danos evitáveis anualmente, e sinaliza para os cuidados inseguros como sendo importantes fatores relacionados à morbimortalidade neste âmbito. A deficiência na segurança dos cuidados de saúde acarreta em prejuízos no prognóstico do paciente e em seus desfechos clínicos e funcionais, além de custos desnecessários para os serviços e sistema de saúde (NEVES; TAVARES, 2011).

¹ Aluna de Enfermagem em Terapia Intensiva Adulto / E-mail: kelianeoliveira26@gmail.com

² Aluna de Enfermagem Neonatal e Pediátrica e Terapia Intensiva Adulto / E-mail: deuzilene.santos1@outlook.com



Conforme a portaria GM/MS nº529/2013, do Ministério da Saúde (MS), no ano de 2004, a OMS criou o projeto Aliança Mundial para a Segurança do Paciente, objetivando a prevenção de danos. As 5 metas de segurança do paciente abrangem diversas instâncias da assistência de saúde. São elas: Identificar o paciente corretamente; melhorar a eficácia na comunicação; melhorar a segurança para medicamentos de alto risco; eliminar procedimentos errados, no paciente errado; reduzir o risco de infecções hospitalares; reduzir o risco de lesão do paciente resultante de quedas (NORONHA, 2016).

Somado a isto, a portaria ministerial supracitada instituiu o Programa Nacional de Segurança do Paciente (PNSP), visando colaborar para a qualificação do cuidado em saúde em todo o território nacional. Este programa também prevê a implantação do Núcleo de Segurança do Paciente (NSP). Dentre os protocolos descritos na portaria, destacam-se: higiene das mãos, cirurgia segura, cuidado na prescrição, uso e administração de medicamentos, identificação correta do paciente e prevenção de quedas (OLIVEIRA, 2014).

A identificação correta do paciente não se encontra em primeiro lugar entre as metas internacionais por acaso. Em um ambiente hospitalar, especialmente na UTI, a identificação do cliente revela sua importância desde a admissão do mesmo. Dados básicos, como nome completo e data de nascimento, podem evitar inúmeros procedimentos e intervenções errôneas, pelo fato de vários pacientes possuírem nomes e sobrenomes parecidos ou idênticos (SOUZA; SILVA, 2014).

É importante destacar que as metas e protocolos se inter-relacionam. A identificação correta do cliente também evita a administração errada de medicamentos, visto que ampolas de diversas drogas são idênticas, e no momento do seu uso, é de suma importância checar o cliente correto para o qual a substância foi prescrita (TASE, 2013).

No contexto da terapia intensiva, a monitorização contínua do paciente visa prevenir e/ou evitar complicações à saúde do mesmo, favorecendo a estabilidade do quadro clínico e melhor prognóstico. Dito isto, em situações emergenciais, onde a velocidade de atuação da equipe corresponderá ao sucesso da intervenção, a identificação segura do paciente propiciará agilidade no processo, evitando uso de drogas para as quais o mesmo possui alergia, por exemplo (ZAMBON, 2014).

Não há dúvidas de que a identificação segura do paciente internado em UTI possui importância ímpar na assistência de saúde da equipe multidisciplinar, impactando positivamente no desfecho clínico à medida em que evita intervenções equivocadas e



desnecessárias, bem como iatrogenia. Além disso, evita-se gastos materiais evitáveis, favorecendo a gestão de recursos do hospital.

REFERÊNCIAS

FASSARELLA, C. S., BUENO, A. A., & SOUZA, E. C. Segurança do paciente no ambiente hospitalar: Os avanços na prevenção de eventos adversos no sistema de medicação. **Rede de Cuidados em Saúde**, 7(1), 1-8. 2013.

HOFFMEISTER, L. V. **Uso de pulseiras de identificação em pacientes internados no Hospital de Clínicas de Porto Alegre** (Trabalho de conclusão de curso). 2012.

NEVES, L. A., & TAVARES, M. R. **A identificação do paciente como indicador de qualidade** (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. 2011.

NORONHA, D. F. et al. **Identificação precoce da SEPSE em unidade de terapia intensiva**. 2016.

OLIVEIRA, R. M. et al. Estratégias para promover segurança do paciente: da identificação dos riscos às práticas baseadas em evidências. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 18, n. 1, p. 122-129, 2014.

SOUZA, R. F., & SILVA, L. D. Estudo exploratório das iniciativas acerca da segurança do paciente em hospitais do Rio de Janeiro. **Revista de Enfermagem da UERJ**, 22(1), 22-28. 2014.

TASE, T. H. et al. Identificação do paciente nas organizações de saúde: uma reflexão emergente. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 196-200, 2013.

ZAMBON, L. S. **Segurança do paciente em terapia intensiva: Caracterização de eventos adversos em pacientes críticos, avaliação de sua relação com mortalidade e identificação de fatores de risco para a sua ocorrência** (Tese de doutoramento). 2014.